

# Luna e o Mundo de Aventuras



TULIO FERNEDA

# Luna e o Mundo de Aventuras

Tulio Ferneda

---

Ferneda, Tulio

Luna e o Mundo de Aventuras / Tulio Ferneda.  
Bragança Paulista: edição do autor, 2021.

ISBN: 978-65-00-24094-8

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.  
I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

# Sumário

A Ilha em Forma de Lua .....	4
A Travessia pelo Mar .....	16
A Guilda dos Aventureiros .....	25
A Floresta dos Vagalumes.....	42
O Caminho das Cachoeiras .....	51
A Fortaleza dos Piratas .....	69
O Tesouro de Guri.....	84
A Casa de Luna.....	89

## *A Ilha em Forma de Lua*

A jovem Luna acordou na ilha, sem memória alguma. Ela estava deitada na grama, onde dormia confortavelmente. Aquela ilha até parecia feita de espuma. Levantou-se e correu até o riacho, onde viu sua imagem refletida na água: era uma menina de pele morena, olhos e cabelos castanhos, com uma túnica marrom e pés descalços. Sorriu ao ver o próprio rosto, pois gostava muito dos seus cabelos.

Ela bebeu água, comeu uma maçã e uvas do pomar. Depois, subiu até o topo de uma colina e viu que a ilha era em forma de lua. Não era lua cheia ou nova, mas lua crescente ou minguante: depende de como queremos ver. Foi então que se lembrou que seu nome era Luna. Mas não se lembrava de mais nada: não sabia quem era, como era sua casa ou família, ou como tinha chegado ali. Quando pensava

nessas coisas, sentia um vazio e uma ponta de tristeza.

A ilha tinha frutas e água boa para beber. Era um lugar tranquilo: ouvia-se apenas o som das ondas no mar, a delicada passagem do vento e o doce canto dos pássaros. Luna pensou que devia ser uma jovem bem esperta: afinal, sabia se perder num lugar muito agradável.

Ela corria pela praia, rindo de si mesma, e dava longos saltos entre as colinas de relva — saltos longos demais para uma garota da sua idade — mas achou aquilo tudo muito normal e divertido. À noite, se encantava com o desenho das estrelas no céu e tentava copiá-los na areia. Dormia numa pequena cabana de folhas.

Mas Luna se sentia solitária. Então explorou cada canto da ilha, até achar um amigo. Foi no alto de um rochedo, perto da cachoeira, que ela conheceu o pássaro azul:

— Olá. — Disse o pássaro.

— Olá! — Disse Luna, com empolgação. —  
Você é diferente dos outros pássaros.

— Não sou. Você que é diferente das outras  
pessoas: você escuta o que eu tenho a dizer.

— Tem outras pessoas na ilha?

— Já teve, há muito tempo... — Ele respondeu  
e notou a expressão de tristeza no olhar da menina.  
— Mas se você procura companhia, posso ser seu  
amigo.

Luna sorriu, sentiu-se muito feliz e aceitou o  
convite de amizade na mesma hora.

— O que tem pra fazer aqui? — Ela quis saber.

— Eu gosto de voar. Ah, como é bom voar ao  
redor da ilha!

— Mas eu não sei voar...

— Tem certeza?

— Tenho, sou só uma menina.

O pássaro a encarou, pensativo.

— Nesse caso, posso voar baixo enquanto você  
corre na praia.

— É uma ótima ideia. — Disse Luna, abrindo um lindo sorriso.

E os dois voaram e correram, por muitos dias na praia daquela ilha, até não saberem mais a diferença entre voar e correr. Eles tinham formas diferentes, mas corações iguais. O pássaro azul se tornou um grande amigo para Luna. Ele não tinha nome, então ela resolveu chamá-lo de Amarelo, o que gerou certa confusão:

— Amarelo? Por que me chamar de Amarelo se eu sou azul? — Ele perguntou.

— Ora, ora! — Luna deu risada da situação, que era muito engraçada, e apenas respondeu com sua tímida molecagem: — Porque azul é uma cor triste, apesar de ser bonita. Amarelo é uma cor bonita e alegre. E você me faz sentir alegria, senhor pássaro.

O pássaro não pôde deixar de sentir um contentamento com aquela resposta:



— Gostei de “senhor pássaro”. — Ele admitiu.  
— Você poderia me chamar assim, me dá um toque elegante. Sinto até vontade de usar uma gravata.

— Não, não, nãozinho. Seu nome já é Amarelo. Além disso, não queremos gravatas na ilha.

Amarelo concordou. Gravatas fariam peso em seu pescoço e ele não conseguiria voar tão bem. No fim das contas, fez uma reverência e agradeceu:

— Obrigado, senhorita Luna. Agora, graças a você, sou o pássaro azul Amarelo. E isso é uma honra.

Os dois passaram dias felizes. Perderam a conta de quantas luas e alboradas presenciaram juntos naquela ilha. Na verdade, não estavam contando o tempo. A vida de Luna tinha se tornado um pouco mais completa, pois ela tinha paz, momentos de alegria e alguém para compartilhar tudo isso.

Mas aquele sentimento de vazio permanecia, um vazio interior, por ela não saber quem era e de

onde veio. Amarelo percebia isso, até que fez uma sugestão:

— Luna, por que você não pega uma estrela cadente? Elas caem por aqui de vez em quando.

— Uma estrela cadente?

— Sim. Ouvi dizer que elas realizam desejos, mas só se você pegar uma. Se conseguir, poderá desejar saber a resposta que procura.

Luna gostou da ideia. Ela esperou a próxima chuva de estrelas cadentes. Não demorou muito até aquele belo evento acontecer de novo. Certa noite, muitas estrelas chegavam por todos os lados: desciam lentamente do céu noturno, deixando um rastro de luz, até caírem no oceano ao redor da ilha. Luna correu e saltou bem alto, do topo das colinas, para tentar apanhar uma delas no ar. Ela chegava perto, mas não conseguia alcançá-las. Então, subia novamente nas colinas e saltava mais uma vez. Amarelo ficou impressionado ao ver que Luna saltava com facilidade, até uma altura de três ou

quatro coqueiros, e caía flutuando no ar, pousando levemente na areia da praia.

— Você sabia que podia saltar tão bem assim?

— Ele perguntou.

— Não, não sabia... Poxa, é verdade! Sou uma ótima saltadora!

Mas apesar de saltar muito bem, ela não conseguia pegar uma estrela. Ficou sentada na praia, observando aquela chuva de luz tocar o mar, até que teve uma ideia:

— E se eu mergulhar e tentar pegar uma debaixo d'água?

— Você acha que consegue? — Questionou o amigo.

— Talvez...

Luna foi até o mar, saltou por cima das pequenas ondas e mergulhou. Ela se sentiu muito bem debaixo d'água, conseguia nadar com facilidade, quase como um dos pequenos peixes que viviam por ali. Viu as estrelas cadentes descendo até o fundo da baía, então mergulhou em direção a uma

delas. Seus cabelos ondulavam, imersos na água, e ela conseguia enxergar tudo muito bem por causa da luz das estrelas. Chegou bem no fundo e retirou uma delas que estava meio fincada na areia. Era uma estrela pequena, mas em perfeito estado. Deveria servir. Ela deu um impulso para cima e nadou de volta à superfície.

Quando veio à tona, respirou novamente e foi muito bom encher os pulmões de ar. Mas aquele mergulho parecia não ter sido muito difícil. Ela sentiu que poderia mergulhar daquele jeito várias vezes sem cansar.

Luna nadou até a praia, usando a estrela como uma pequena prancha. Amarelo a esperava ansiosamente:

— Incrível, Luna! Você também é uma ótima nadadora.

— Parece que sim... — Ela concordou.

— O que temos aí? Uma estrela das boas?

— Sim, é uma das boas. Como eu faço o pedido agora?

— Bom... — Amarelo hesitou. Ele sabia da lenda das estrelas cadentes, mas nunca pensou que um dia veria alguém pegar uma. — Eu acho que você deve subir até a colina mais alta da ilha, segurá-la em seus braços e fazer o pedido. Simples assim.

Luna seguiu o conselho de Amarelo, que era sempre muito sábio. A colina mais alta ficava ao lado da cachoeira. Ela se sentou na grama, com a estrela em seus braços, e disse as seguintes palavras:

— Estrela cadente, desejo saber quem eu sou!  
Nada aconteceu naquele momento.

— E agora? É só isso?

Amarelo meditou um pouco sobre a situação. Ele queria muito ver sua amiga realizar o desejo, mas parecia estar faltando alguma coisa.

— Eu já sei. — Disse o pássaro, finalmente. — Acho que precisamos dar uma pequena ajuda. As estrelas podem realizar desejos, com certeza. Mas a pessoa tem que fazer a sua parte.

— Fazer a minha parte? — Perguntou Luna, curiosa.

— Sim. Eu estive pensando sobre isso, Luna. Enquanto você ficar aqui, nesta ilha, teremos momentos de alegria, mas nada diferente vai acontecer a você. Para que a estrela atenda o seu pedido, é preciso que você viva uma aventura.

— Uma aventura?

— Sim, uma aventura. Estou me lembrando agora. Acho que foi o Barba Rosa, o maior pirata de todos os tempos, que pediu um tesouro uma vez a uma estrela. Isso mesmo! Foi o Barba Rosa, se não me falha a memória. Acontece que ele só achou o tesouro quando saiu com seu barco pelo mundo e foi viver uma aventura.

— Então, eu devo partir... — Disse Luna, com tristeza. A ideia de deixar a ilha e seu amigo não parecia muito agradável.

— Ora, não se preocupe. Vai ficar tudo bem. Veja só, quando você escolheu saltar para pegar uma estrela, descobriu que é uma ótima saltadora.

Quando escolheu mergulhar no mar, descobriu que é uma excelente nadadora. Tenho certeza de uma coisa: quando você sair para uma aventura, vai acabar descobrindo que é uma grande aventureira.

— Você acha mesmo?

— Claro! Além disso, quando terminar sua viagem, volte aqui para me contar tudo. Ficarei contente com isso.

Luna entendeu que precisava partir. Mas ainda lhe faltava orientação:

— Como vou saber aonde ir?

— Bom, você pode começar pela Guilda dos Aventureiros. — Foi a sugestão de Amarelo.

— E existe um lugar assim? — Perguntou Luna, com um renovado sentimento de empolgação.

— Existe um lugar assim. Você deve atravessar o mar para o norte, até chegar à grande terra. A Guilda dos Aventureiros fica na praia, pois lá se reúnem guerreiros e piratas, heróis e exploradores, aventureiros de todos os tipos.

— Que legal!

— Isso mesmo, Luna. Quero ver essa esperança em seu olhar. — Disse Amarelo, percebendo como Luna era uma jovem sonhadora.

— E como posso atravessar o mar?

— Vai precisar de um barco.

— Você sabe fazer um barco?

— Eu sei fazer um barco. Há muito tempo, um marinheiro naufragou nesta ilha. Vi como ele fez um pequeno barco a vela, com troncos de coqueiros e folhas de bananeiras.

— E você se lembra bem?

— Eu me lembro muito bem! Ora, minha memória não falha...

— Então está decidido: vamos fazer um barco, vou viver uma aventura e volto aqui para contar.



## A Travessia pelo Mar

Foi então que Luna e Amarelo fizeram um barco, um pequeno barco a vela, com muito cuidado. Tudo estava pronto para a viagem. Naquela manhã, o céu estava em cor de despedida. Mas a menina quis convidar o amigo:

— Venha comigo, Amarelo. Podemos velejar juntos, seria tão divertido!

— Ah, seria sim, não tenho dúvidas... Mas eu preciso cuidar da ilha. Quem vai vigiar as estrelas cadentes, para que elas não caiam nas árvores?

— Tem razão...

— Uma vez por ano, as tartarugas marinhas passam por aqui, colocam seus ovos na praia. Quem vai estar aqui para recebê-las?

— Está certo...

— E se algum náufrago se perder nesta ilha novamente? Quem vai ajudá-lo?

— Só você, Amarelo. Só você poderia cumprir tão bem essas tarefas. Ah, como vou sentir sua falta!  
— Desabafou Luna.

— Pois eu vou sentir a sua. Mas estarei contigo em pensamento. Agora vá, querida Luna, sem delongas, viva sua aventura.

Luna deu um beijo em Amarelo e, entre sorrisos e lágrimas, partiu. Uma bolsa com uvas, uma garrafa de água doce, um mapa feito em sua mente para seus sonhos e esperanças — era tudo o que ela precisava. O pequeno barco avançou bravamente pelo mar, com sua vela de folhas de bananeira içada e envergada pelo vento, e deslizou suavemente pela água, passando acima dos lindos recifes de corais, contornando a baía em forma de lua, seguindo a direção norte.

Ela se afastou da ilha e olhou para trás uma última vez, com aperto no coração. Mas então, escolheu olhar para frente e sentiu as primeiras emoções da jornada. O ar fresco encheu seus pulmões e o vento veio balançar seus cabelos. O

horizonte e o mar azul por todos os lados eram algo muito bonito de se ver. As ondas do mar faziam o barco oscilar para cima e para baixo, com suavidade. Tudo estava em paz, como na ilha, mas agora Luna se movia pelo mundo.

Ela viu golfinhos pularem acima da água e passou bem perto de uma enorme baleia azul, que estava tão calma quanto as nuvens no céu. Mas nada foi mais belo que o encontro com um bando de tartarugas marinhas, tartarugas gigantes de todas as cores: verdes, marrons, azuis e amarelas, rosas e vermelhas, roxas e alaranjadas. Aquele carnaval de lindas criaturas deslizou por baixo do seu barco, como em uma dança ou travessia sagrada. A vida marinha contentava o espírito de Luna.

Depois de algum tempo, tudo se aquietou. Gaiotas passaram voando, apressadas, buscando algum rochedo tranquilo para pousar. Luna não viu outros animais depois delas, mas algo inesperado chamou sua atenção: era um barril flutuando, à

deriva no meio do oceano, e dentro dele um menino vinha navegando.

O barco se aproximou do barril e Luna recolheu as velas para ir mais devagar. Então, jogou uma corda para o menino:

— Aqui! Pegue a corda, menino! — Ela gritou.

O menino apanhou a corda e Luna o puxou para perto do barco. Ele subiu a bordo e a primeira coisa que ela fez foi oferecer uvas e água.

— Obrigado! Muito obrigado! — Ele agradeceu, sorrindo ao comer as uvas.

— Qual o seu nome, menino?

— Eu sou Guri.

— Eu sou Luna.

— É uma honra conhecê-la, Luna.

— Você está perdido?

— Ah, sim, estava nesse barril há dias.

— Há dias?! Devia estar com muita fome!

— Estava sim. Mas é um barril de maçãs. As maçãs ainda dão para uma semana inteira. Mas é tão bom comer uvas hoje!

— Como veio parar aqui? — Luna quis saber.

— Bom... — Guri coçou o queixo, meio pensativo. — Eu sou um distraído... Pessoas desse tipo às vezes ficam assim, à deriva num barril, no meio do mar.

— Entendi. É perigoso ser distraído. — Concluiu Luna.

— Ah, com certeza. Já passei muito aperto nessa vida... Veja o barril, por exemplo, como é apertado! É tão bom esticar as pernas no seu barco...

— Você quer vir comigo? — Ela convidou. — Vou para a Guilda dos Aventureiros.

— A Guilda dos Aventureiros? Sêrio? — Respondeu Guri, com uma expressão sonhadora no olhar.

— Sim.

— Que demais! E você sabe o caminho?

— Sei sim, fica ao norte daqui.

— Ah, eu gostaria muito de conhecer esse lugar! Ouvi histórias incríveis. Se não for incomodar...

— Não é incômodo algum.

— E sabe, não estou indo para nenhum lugar mesmo...

— Então venha comigo!

— Também seria bom comer um pouco mais dessas uvas, se você deixar...

— Tem uvas para dois.

— Mas como posso pagar? Não tenho moedas, dinheiro, nada do tipo.

— Não precisa.

— Não tenho prata nem ouro... Meu pai é pescador, eu poderia te pagar com peixes depois, mas isso depende da maré... E na verdade eu não sou muito bom com pesca.

— Não preciso de peixes. — Explicou Luna.

— Tenho um tio que é um grande pirata... Ou é um avô? Talvez seja um tio-avô... Uma vez ele encontrou uma pilha de ouro, mas escondeu numa

ilha... Não sei bem qual é, não o vejo há muito tempo... Fica chato aparecer na casa de alguém só para pedir dinheiro...

— Não preciso de ouro. — Ela garantiu.

— Tenho um par de botas furadas... Mas estas já se afundaram no mar há dois dias.

— Eu não preciso de botas, vê? Gosto de andar com os pés no chão.

— Então não posso pagar... O que vamos fazer? Minha mãe me ensinou que um homem nunca deve fazer dívidas.

— Bom... — Luna ponderou um pouco sobre aquela questão. Ela não precisava de pagamento algum, só queria ajudar o menino. Mas notou que ele estava desconfortável com tudo aquilo. Então, encontrou uma solução: — Você disse que ainda tem maçãs no barril?

— Sim, maçãs para uma semana.

— Então está resolvido. Vamos juntar suas maçãs com minhas uvas e tudo já fica acertado.

— Tudo bem, mas eu tenho só sete maçãs...

- Está ótimo.
- E na verdade duas estão mordidas...
- Não tem problema.
- E as outras cinco, bom, talvez tenha que jogar fora, porque estão com bicho...
- Duas maçãs mordidas, trato feito.
- Tem certeza? Não é pouco?
- Estão mordidas por inteiro ou só a metade?
- Só a metade.
- A outra metade está boa?
- Sim! A outra metade está ótima!
- Então temos duas metades boas, o que dá uma maçã inteira. Sim, você está com sorte, Guri.
- Estou? — Ele arregalou os olhos, incrédulo, com renovada esperança.
- Sim. Uma maçã inteira é exatamente o valor da passagem de barco até a Guilda dos Aventureiros.
- Ah, que boa notícia! Que boa notícia, Luna!



E assim, Guri pulou de alegria no barco de Luna. Ele se considerou um menino muito sortudo, por ter o valor exato da passagem.

— Muito bem, capitã! O jovem marujo Guri está às suas ordens!

Naquele momento, Luna sorriu com o coração. E ela nem sabia que podia fazer isso. Esta era uma das melhores maneiras de sorrir. Ela pensou que, assim como Guri, devia ser distraída, pois também tinha se perdido.

— Sua primeira ordem, marujo, é comer um cacho inteiro de uvas, ou eu te jogo para as tartarugas!

— Pode deixar, capitã!

E assim, uma amizade nasceu de um ato de gentileza. Eles velejaram pelo fim da tarde, quando o sol coloriu as águas do mar de amarelo, laranja e rosa avermelhado. Ficaram admirando aquele espetáculo ao sabor das uvas. Uma vantagem dos distraídos é que eles nunca perdem um pôr do sol.

## *A Guilda dos Aventureiros*

Depois de muito navegarem, Luna e Guri chegaram à Guilda dos Aventureiros. Ela ficava na grande terra, bem na praia rente ao oceano, como Amarelo tinha contado. Havia um porto feito de pedras, com lugares para os barcos serem amarrados. Barcos grandes e pequenos partiam e chegavam, deixando o local bem agitado. E depois, bem de frente para o porto, lá estava ela: uma construção bem alta, toda de madeira, com três andares e uma chaminé no topo. Em cada andar tinha uma placa. No primeiro, dizia: “Recepção”. No segundo, “Bar e Café”, e no terceiro, “Salão de Aventuras”.

— É aqui, finalmente chegamos. — Disse Luna.

— Esse lugar é demais, já gostei! — Disse Guri, com os olhos brilhando de empolgação. — E agora, o que você vai fazer?

— Vou descobrir como viver uma aventura. — Ela respondeu, com o olhar resolutivo. — E você, Guri? Para onde vai?

— Eu tenho um tesouro para achar. É uma missão muito perigosa, sabe, não sei se você gostaria de ir comigo...

— Um tesouro? Mas é claro, parece uma ótima aventura!

— Vai ter piratas e ladrões, onças e tubarões no caminho... Quer dizer, a gente nunca sabe, mas é quase certo que vai ter tubarões...

— Eu topo!

— E piratas... Piratas não são brincadeira! E você é uma aventureira iniciante, não sei não...

— Eu vou com você.

— Se bem que, pode ser de grande ajuda ter uma capitã tão boa no time, afinal, você sabe velejar muito bem...

— Você tem um time?

— Minha tripulação vai gostar de você, Luna.  
Ah, sim, eles vão te achar incrível.

— São em quantos no total?

— E você sabe escolher uvas como ninguém...  
Sim, será muito bem-vinda! Em quantos? Bom, somos sete ao todo.

— Sete? Que demais, vou fazer parte de um bando de aventureiros!

— Na verdade, somos seis. O mais novo começou a fazer xixi na cama e teve que ir pra casa. Não há nada de errado em fazer um xixi na cama de vez em quando, mas isso não fica bem num navio pirata.

— Vocês têm um navio pirata?!

— Ou melhor, somos cinco. O mais velho sentiu saudades da mãe e voltou pra casa.

Guri não parava de falar, exatamente como fizera com a história das maçãs. Luna desconfiou de como aquele conto iria terminar.

— Então, são cinco bravos marinheiros, certo?

— Ela provocou, com um sorriso esperto.

— Na verdade somos três... Dois eram gêmeos idênticos, e nós nunca sabíamos quem era um, quem era o outro. Foi uma confusão, tivemos que mandá-los pra casa...

— Vocês são dois apenas, não é? — Concluiu Luna, erguendo a sobrancelha.

— Sim, eu confesso. Um dos três era um amigo imaginário e esquecemos a aparência dele. Então somos dois. Bom, éramos dois, eu e meu papagaio pirata. Mas quando eu caí no mar no meu barril de maçãs, o papagaio saiu voando.

— Então é só você.

— Sim, veja bem, no momento sou só eu.

— E cadê o navio?

— A baleia comeu.

— A baleia comeu seu navio?!

— Sim, isso me dói no coração até hoje. Essas coisas só acontecem comigo... Mas também, por que fui fazer um navio de chocolate?

— Seu navio era de chocolate?

— Sim, era maravilhoso! Bom, se não fosse a baleia, a tripulação ia acabar comendo tudinho... Enfim, aqui estou: sou apenas eu, Luna, sem navio, sem barco, nem velas nem pavio.

— Não é só você. Somos dois, porque agora sou sua parceira. — Disse Luna com seu jeito alegre, que fazia qualquer um se sentir melhor.

— Você vai ser minha capitã, oficialmente?

— Sim, com certeza. E temos meu barco, para aventuras no mar. E temos pés e pernas, para aventuras na terra.

Guri abriu um sorriso, feliz da vida.

— Está feito então. É uma honra ser seu marujo, capitã!

— E esse tesouro que você quer achar, sabe onde está?

— Não sei não.

— Tem um mapa?

— O vento levou.

— Tem bússola?

— A bússola quebrou.

— Está bem. Isso vai ser ainda mais divertido.

— Vai?

— Com certeza! Vamos entrar na guilda, lá deve ter muitos aventureiros experientes. Alguém deve saber como achar um tesouro sem mapa, bússola ou direção.

— É uma ótima ideia, capitã!

E foi essa a conversa de Luna e Guri na frente da Guilda dos Aventureiros. Eles não disseram mais nada, apenas foram até a porta e entraram.

Na Recepção, foram recebidos por um enorme pirata viking, bem gordo e bem forte, com botas marrons e barba verde, cabelos trançados e um capacete com dois chifres, sendo que um estava quebrado.

— Sejam bem-vindos, aventureiros!

— Olá, senhor. — Disse Luna, educadamente.

— Eu sou Luna e este é meu amigo Guri. Viemos em busca de uma aventura. Qual é o seu nome?

Um enorme pirata viking, bem gordo e bem forte, só poderia ter um nome dos bons, um nome daqueles que bota medo em qualquer um:

— Bochecha. Pode me chamar de Bochecha, senhorita.

— Muito bem, senhor Bochecha! Como podemos começar?

— É muito fácil. — Ele explicou. — Primeiro você escreve seu nome nesse papel. Depois, vai tomar uma bebida no bar. E depois, vai até o último andar escolher uma aventura.

Luna escreveu seu nome no papel, que na verdade era um pergaminho, com os nomes de todos os aventureiros que já tinham passado por ali. Alguns nomes chamaram sua atenção, pois vinham escritos em duplas: Peter e Wendy, Barba Rosa e Barba Negra, Robin Hood e João Pequeno, e muitos outros. Então, ela acrescentou à lista: Luna e Guri.

— Está feito. — Declarou Bochecha, solenemente: — Vocês agora são membros oficiais da Guilda dos Aventureiros.



E assim eles agradeceram, subiram pela escada até o segundo andar, onde ficava o Bar e Café. O ambiente estava cheio, com meninas e meninos por todos os lados: mais jovens, mais velhos, carecas e barbados. Rente ao balcão todos se sentavam, pedindo bebidas deliciosas:

— Um chocolate quente, por favor! — Pediu um velho pirata.

— Um chocolate frio! — Foi o desejo de uma fada.

— Vitamina de morango! — Solicitou um gnomo.

— Suco de abacaxi! — Foi o indígena logo ali.

E assim, a lista foi grande: guerreiros, magos, arqueiros, exploradores, cientistas, astronautas, marinheiros, pescadores, piratas, fadas, gnomos, duendes, mergulhadores — enfim, gente de todas as tribos e todas as cores. Luna pensou que era muito bom estar ali, junto a tantas almas sonhadoras.

— O que você vai querer? — Ela perguntou a Guri.

— Suco de uva. — Ele respondeu, sem hesitar. Ela ficou surpresa com a escolha tão rápida do amigo, com tantas opções no cardápio.

— Você deve gostar muito desse suco...

— Ah, sim, agora uva é minha fruta favorita.

Ela soube na mesma hora que aquele gosto por uvas, de alguma forma, tinha um significado especial.

— Antes não era uva? — Ela quis saber.

— Não, antes era maçã. Mas agora, é uva com certeza!

Luna sentiu um puro contentamento. Lembrou de como Guri tinha ficado feliz com as uvas no barco. Ela soube exatamente o que dizer ao amigo:

— Então vou querer um suco de maçã.

Guri apenas sorriu, sem precisar de explicações. Os dois tomaram seus sucos, sentados em banquinhos bem no canto do bar, apenas apreciando a alegria dos aventureiros. A bebida estava fresca, tinha sabor de fruta colhida no pé e

um aroma doce muito gostoso. Depois de um pouco de cantoria, estavam prontos para uma boa aventura. Eles agradeceram e subiram pela escada para o terceiro andar.

Finalmente chegaram ao Salão de Aventuras. O ambiente ficava no sótão da guilda: era uma sala espaçosa, com um enorme mapa na parede dos fundos. Nesse mapa, em vários pontos havia um pequeno bilhete fixado. E em cada bilhete estava escrito um tipo de aventura: “Caça ao Tesouro”, “Luta com Dragão”, “Mergulho no Mar”, “Busca por Flor Encantada”, “Entrega de Encomenda”, “Escolta de Carruagem”, “Exploração de Continente Perdido”, e assim por diante. Cada aventura parecia mais legal do que a outra.

— Uau! — Exclamou Guri, com os olhos encantados.

Bem ao lado do mapa de missões, havia um pequeno balcão, onde um simpático gnomo dormia.

— Com licença... — Disse Luna, tentando acordar o gnomo.

Mas ele não acordou. Continuou dormindo, deitado em sua bela almofadinha, roncando com a barriga para cima.

— Olhe, tem um sino aqui. — Apontou Guri, indicando um pequeno sino dourado, bem ao lado de uma placa que dizia “Toque o sino para acordar o gnomo”.

— Bom, vamos tocar, mas com delicadeza. Não queremos assustá-lo. — Observou Luna.

Ela tocou o sino, devagar. O gnomo resmungou e se virou de lado. Ela tocou pela segunda vez e ele quase acordou. A terceira fez a pequena criatura abrir os olhinhos aos poucos, se levantar e dar uma bela espreguiçada.

— Ora, vejam só! Temos aventureiros por aqui. — Disse o gnomo, como se aquilo fosse algo incomum.

— Sim, senhor gnomo. Somos dois aventureiros de primeira viagem. Eu sou Luna e este é Guri. Qual é o nome do senhor?

Um gnomo tão pequeno e delicado, tão bonitinho com suas bochechas rosadas e sua barbinha branca, só poderia ter um nome delicado:

— Trovão, o Devastador. — Ele se apresentou.

Luna e Guri se entreolharam. O menino não se conteve e perguntou:

— Você é devastador de quê, senhor Trovão?

— De amoras.

— Amoras? — As crianças perguntaram em coro.

— Sim, uma vez eu comi um pomar inteiro de amoras. Até hoje ninguém sabe como eu consegui, sendo que minha barriga é tão pequena. Mas quando vejo amoras, saiba que minha fome é devastadora! — Ele explicou, com muito orgulho da sua fama imponente.

— Muito bem, senhor Trovão. É um prazer conhecê-lo. Viemos para começar uma aventura.

— Uma aventura, é? — Perguntou Trovão, coçando a barba, meio desconfiado. — Já faz muito tempo que ninguém vem aqui para uma aventura.

— Faz muito tempo? Mas esta não é a Guilda dos Aventureiros? — Perguntou Luna, confusa.

— É sim.

— E todas aquelas pessoas lá embaixo?

— Bom, isso é meio constrangedor... Na verdade, a maioria só entra na guilda para usar o Bar e Café, acredita? Eles gostam de vir aqui, tomar uma bebida doce e conversar com os amigos. É como um clube. Mas aventureiros mesmo, desses que vivem aventuras, não vejo há muito tempo. Os últimos foram Peter e Wendy... Ou teria sido o Barba Rosa? Ah, não me lembro bem... Já faz tanto tempo!

— Bom, nós estamos aqui. Como podemos começar? — Perguntou Luna, determinada.

— É bem simples, na verdade. — Trovão deu um pulinho do balcão para o chão e andou com seus pezinhos delicados, em passos apressados de formiga, até perto do grande mapa. E continuou, gesticulando com suas mãozinhas: — Vocês escolhem uma missão do mapa e já podem começar.

Vão até o local indicado, cumprem a tarefa e voltam aqui para receber suas honras.

— Nossas honras? — Perguntou Guri.

— Sim, as honras são algo importante para um aventureiro. Quando uma aventura termina, vocês voltam aqui com alguma prova. E então, se tiverem mérito, receberão um Botão de Honra da Guilda dos Aventureiros. Eu retiro a missão concluída do mapa e vocês podem escolher outra, se quiserem. É assim que funciona.

— Acho que entendi! — Guri ficou empolgado com tudo aquilo.

— Mas tem uma condição. — Continuou Trovão. — Para receber um Botão de Honra, vocês devem cumprir a missão da maneira mais honrada possível. Entenderam?

— E como vamos saber se fizemos do jeito certo? — Perguntou o menino.

— Ora, ora, mas que pergunta maluca, garoto! Quando vocês voltarem, vou olhar bem nos olhos de

vocês. Desse modo, eu saberei. Nada desonroso passa pelo velho Trovão!

O gnomo sabia impor respeito ao dizer aquelas palavras. Ele voltou até sua mesinha, saltou para cima da almofada e voltou a se aconchegar para uma soneca.

— Agora podem ir, crianças. Escolham a missão que mais gostarem e boa sorte. Se me permitem, quero dormir mais um pouquinho...

Trovão mal terminou de dizer aquelas palavras e adormeceu novamente. Luna e Guri ficaram olhando o mapa de missões, sem saber qual escolher.

— Bom, nós sabemos que você tem um tesouro para achar, certo? — Lembrou Luna.

— Sim, eu quero achar meu tesouro, com certeza! — Concordou Guri.

— Você acha que pode ser um desses do mapa?

Era difícil dizer. Havia muitos bilhetes de “Caça ao Tesouro” naquele mapa, alguns em



montanhas, outros em florestas. Outros, ainda, em pequenas ilhas espalhadas pelo mar. E havia muitas, muitas ilhas naquele mundo.

— Eu não sei... — Disse Guri, um pouco triste por não saber aonde ir.

— Você sabe se esse tesouro fica numa ilha?

— Eu não me lembro...

Guri parecia muito triste naquele momento. O tesouro que procurava devia ser importante para ele. Luna queria ajudá-lo, mas precisava de alguma pista para começar.

— Espere... — Disse o menino. — Eu acho que fica perto de uma grande árvore... É isso mesmo, meu tesouro fica perto de uma árvore!

— Isso ajuda bastante... — Luna estava pensativa.

— Ajuda?

— Mas é claro. Se fica perto de uma árvore, não deve estar no deserto nem nas montanhas. Também podemos descartar o lago congelado. E as

cavernas, definitivamente, seu tesouro não está numa caverna.

— Certo, certo! — Guri começou a sorrir novamente.

— Então, que tal a gente começar pela floresta?

Havia uma floresta demarcada no mapa, com muitas árvores desenhadas.

— Ótimo! — Concordou Guri.

— Bom, vale a pena tentar. De uma forma ou de outra, teremos nossa aventura.

— Assim é que se fala! Vamos lá, capitã Luna!

Guri pulava de alegria ao redor de Luna. E foi assim que eles escolheram a missão de Caça ao Tesouro, que ficava na floresta, bem ao norte da guilda.